



MULHERES QUE ESCREVEM: REFLEXÕES DE GÊNERO SOBRE AS OBRAS DE JULIAN DE NORWICH E MARGERY KEMPE (SÉCULOS XIV-XV)

Victória Artigas Pause

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da
Fronteira Sul (UFS) e bolsista do CNPq

1. Introdução

Este resumo tem como objetivo apresentar algumas reflexões a partir do andamento da tese, ainda incipiente, acerca das narrativas cristãs de Julian de Norwich e Margery Kempe. Começamos indagando quais os limites e implicações de pensar mulheres em um contexto de um final de uma Idade Média “resolutamente masculina” (Duby, 2011, p.7)?

Desta forma, pretende-se investigar nesta pesquisa, assim com o auxílio da perspectiva do Estudos de Gênero para pensar-se na subjetividade que pode conter nos escritos das mulheres e nas relações complexas culturais que envolve analisar o lugar da mulher em uma dada sociedade. Desse modo, se encaixam *Revelações do Amor Divino* (finalizado em fins dos anos 1390), de Julian de Norwich e *O Livro de Margery Kempe* (finalizado aproximadamente em 1440), de Margery Kempe, ambas autoras inglesas que se consolidaram como mulheres importantes dentro do cristianismo católico ao longo dos séculos. Suas imagens evocam espiritualidade e turismo nas cidades de Norwich e King's Lynn ambas na Inglaterra, as Igrejas de St. Julian's e King's Lynn Minster (antiga St Margaret's) indicam isso¹. Julian de Norwich, uma anacoreta², considerada a primeira mulher a escrever um livro em inglês e Margery Kempe, a primeira a escrever uma autobiografia no idioma. Observa-se que essa popularidade é posterior a suas publicações, embora Kempe em seu livro demonstra que Julian tinha uma espécie de fama como conselheira espiritual. Embora populares ao longo dos séculos e obtenham

¹ Existem sites destas Igrejas e ambos possuem seções destinadas às duas escritoras, respectivamente os links são relacionados a Igreja de St. Julian's e o segundo a King's Lynn Minster (<https://www.visitnorwich.co.uk/sevice/st-julians-church/> e <https://kingslynnminster.org/margery-kempe/>)

² Segundo definições de Oxford Languages: Um monge cristão ou eremita que vive em retiro, solitariamente, especialmente nos primeiros tempos do cristianismo.



espaços nas suas respectivas Igrejas para turismo, o mesmo não aconteceu com suas obras que permanecem à margem das experiências intelectuais da Idade Média. De modo, a contemplar nossa temática e pensar como nossas fontes dialogam com nossa investigação, precisamos pensar nas duas produções literárias das autoras místicas como uma possível tangibilidade da socialização de papéis de gênero. O que as narrativas nos ilustram são as possibilidades das protagonistas fazerem parte, no sentido público, pois externalizam seus pensamentos de um cristianismo, passando por animosidades no contexto das publicações. Ao analisarmos fontes literárias, e principalmente recuadas no tempo, nos deparamos com questões misóginas em inúmeras delas, portanto é necessário recorrer às críticas feministas e dos estudos de gênero para interrogar essas produções coletivas.

2. Metodologia

Ao tratarmos o gênero como aporte teórico-metodológico evocamos noções de análise sobre as condições de constituição dos sujeitos em termos *masculinos* e *femininos*. Assim, se considerarmos o gênero como algo condicionado em seu contexto cultural, ele não é natural. Essa constituição dos sujeitos de se tornar um ser cultural quando assume um gênero (Butler, 2019, p. 227), pode auxiliar a História quando precisamos nos voltar às dinâmicas de poder que envolvem as estruturas de uma sociedade balizada pelo binário homem/mulher. Propomos usar o gênero, para realizar nossa análise das narrativas, enquanto subversões aos modelos impostos de identidade, pois ele admite que as construções binárias são postas imperativamente. Como aponta Judith Butler (2000, p. 159) o sujeito é “[...] submetido ao gênero, mas subjetivado pelo gênero, o eu não precede nem segue o processo dessa generificação, mas emerge apenas no interior das próprias relações de gênero e como a matriz dessas relações”. Para Butler (2000, p. 161) essa constituição do sujeito enquanto seu gênero é uma “construção não apenas que ocorre no tempo, mas é, ela própria um processo temporal que atua na reiteração de normas”. Dessa maneira, vemos o gênero como importante para a compreensão de uma estrutura que governa os sujeitos por meio da performatividade, que são os atos repetidos que ela reitera historicamente, é circunscrita nas interações sociais e culturais as quais participam.



3. Resultados e discussão

A pesquisa vem sendo desenvolvida dentro do cronograma programado no projeto de pesquisa, realizando leitura crítica das fontes e da bibliografia especializada. Além disso, a participação em eventos que puderam contribuir com o crescimento da pesquisa em produção foram importantes. Apresentadas essas questões, para que os objetivos desta pesquisa sejam atingidos, as obras serão lidas de forma a comparar as interações das personagens com as diversas situações que elas nos narram, a fim de identificar as formas que a narrativa lida com as noções de *mulher* e suas relações sociais daquele contexto. Sendo assim, ao analisarmos essas relações sociais por meio de obras intelectuais sob a ótica do gênero, queremos repensar a estrutura vigente de um mundo masculino como imutável, pois em sua composição notamos identidades subversivas e questionadoras.

4. Considerações finais

Considerando esses passos iniciais, gostaríamos de ressaltar a presença ainda incipiente de teses sobre as obras místicas *Revelações do Amor Divino* e *O livro de Margery Kempe*, contamos com poucas discussões no âmbito da historiografia sobre essas obras. Ademais, situamos nossa vontade de explorar o potencial das fontes como aliado dos estudos sobre identidades de gênero a partir de resistências culturais.

Referências

DUBY, Georges. **Idade Média, idade dos homens:** do amor e outros ensaios; tradução Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

BUTLER, Judith, *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade, 2000

BUTLER, Judith. *Atos performativos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de et al. **Pensamento feminista:** conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.